

O BRASIL PITOESCO DE CHARLES RIBEYROLLES

Emmanuel Roberto de Oliveira SOUZA*

- **RESUMO:** O artigo pretende traçar uma análise do olhar do jornalista Charles Ribeyrolles para com o Brasil quando veio exilado da França em 1858. Francês exaltado, Ribeyrolles teve um papel importante nas barricadas de 1848 atuando como inflamado editor chefe do jornal *La Réforme* e defensor radical da liberdade. Convidado pelo também francês e amigo Victor Frond, aporta no Brasil, depois de uma temporada quase miserável na Inglaterra, a fim de escrever um livro sobre as impressões da terra tropical. Surge aí um importante documento histórico do século XIX, *Brasil pitoresco*, com imagens de Frond e texto de Ribeyrolles. O artigo que apresentamos pretende justamente analisar de que forma o discurso “estrangeiro” de Ribeyrolles é concebido e de que maneira o caráter “revolucionário” do jornalista vai se expressar em meio a um Brasil escravocrata.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Charles Ribeyrolles. Estrangeiro. Brasil. Imagem.

Desde a descoberta da América, no século XVI, a literatura de viagem tornou-se um grande veículo de propagação e propaganda acerca do novo mundo e de suas riquezas. Um bom exemplo disso são as várias narrativas de viagem sobre o Brasil após o seu descobrimento. Tais narrativas tinham como objetivo prestar informações que pudessem orientar ou favorecer os propósitos de colonização de Portugal, atitude que será exposta de forma sistematizada por Pero de Magalhães de Gândavo e Gabriel Soares de Souza, por exemplo. Propagar a idéia de que a nova terra, o Brasil, se constituía como um verdadeiro paraíso tropical, era o objetivo de quase todos os textos de viagem produzidos na época da colônia, vista como um lugar edênico, e cuja imagem foi discutida em toda a historiografia brasileira tendo surgido de forma sutil no livro *Brasil pitoresco*, de Charles Ribeyrolles, publicado em 1859.

Da época do descobrimento à independência do Brasil em 1822, as narrativas dos historiadores estrangeiros e de jornalistas, como Ribeyrolles, que estiveram no Brasil no século XIX apresentam uma mesma característica: a tentativa de criar uma imagem positiva do Brasil. Isso, sob determinados aspectos, faz com que tudo que é concebido em termos de descrição e impressões acerca do Brasil funcione, porque não dizer, como elemento fundamental para a consolidação de uma legitimidade nacional. No caso do autor mencionado, todo esse discurso que

* Doutorando em Literatura Comparada. USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – emmanuel_souza@yahoo.com.br

será promovido por ele no livro é acompanhado de uma linguagem característica do jornalista: impressões românticas, idealizadas, permeadas por um senso crítico sutil próprio de seu caráter a favor da liberdade. A análise da obra *Brasil pitoresco* que realizaremos neste artigo tem como intuito cotejar os estudos feitos no Brasil e na França e verificar de que maneira as impressões de um estrangeiro acerca de um lugar “estranho” e “exótico” é realizada e ajudam a criar a imagem do país que se constituía em pleno século XIX.

Viajar é algo prazeroso, conhecer lugares distantes, estranhos, secretos é descobrir caminhos novos, ter novas experiências. A viagem pode ser concebida como um elemento de alteridade na medida em que a sensação de estranhamento é vivenciada a cada instante. A viagem realizada por Ribeyrolles no *Brasil pitoresco* e as impressões colhidas em solo brasileiro revelam, como tantos outros textos desde o descobrimento, de que maneira o europeu ocidental se confronta e se encontra com o outro, com a nova terra descoberta.

O que se pretende aqui é perceber qual o sentido que essa viagem terá para Charles Ribeyrolles e de que maneira seu olhar e suas experiências numa terra “estranha” são concebidos e vivenciados. E, também, verificar como este jornalista percebe essa nação, tão diferente da sua Europa.

No século XIX, as narrativas de viagem ocorrem com a finalidade quase exclusiva de ressaltar a noção de dominação do império europeu. Nelas predomina a idéia de uma missão civilizadora, uma valorização do progresso e, principalmente, após a segunda metade do século, a propagação de um racismo científico. Isso fica evidente, por exemplo, nas idéias propagadas por Charles Ribeyrolles no que tange à população brasileira, à imigração e à exploração da terra. A natureza inexplorada, ou mal aproveitada, como é exposta no *Brasil pitoresco*, é descrita prontamente fértil, perfeita para produzir. No entanto, como o relato do jornalista expõe, falta nessa terra que emana mel, braços capazes de trabalhá-la adequadamente. O solo do Brasil, segundo o olhar do viajante, é assim negligenciado pelo seu próprio povo primitivo. Cabe a ele sugerir uma solução, a saber, somente a ciência européia e os braços dos trabalhadores europeus podem preservá-la e fazê-la produzir de fato:

Terra sem cultivo é capital morto, paisagem para aquarelas, simples horizonte ou ponto de vista. Por melhor que ela seja não se basta. Por mais favoráveis que sejam as suas qualidades nativas, as suas condições climatéricas, falta-lhes o homem. A terra pede o trabalho como o sol. Ciência como o orvalho. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.81).

Esse tom de exaltação à terra brasileira, em prol da européia e que permeia todo o livro, justifica, sob determinados aspectos, a intervenção da Europa na exploração das terras brasileiras:

Como imprimir ao mais rico solo do planeta a força de população que ele reclama? Na Europa, o problema se concebe nestes termos: como dar a população, assaz considerável, a terra que lhe falta? Nos dois continentes, como se conclui, a oferta e a procura são contraditórias. Há aqui em abundância o que lá falta, e reciprocamente. Os termos estão invertidos. Por isso mesmo, longe de se excluir, eles se atraem e conciliam. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.65).

Isso fica evidente na apologia feita por Ribeyrolles à questão do imigrante no Brasil. Como veremos, para o jornalista francês, a população que habita aqui, composta de várias etnias, não dá conta da riqueza e da imensidão do território brasileiro. Para ele, o que o Brasil precisa é de braços fortes, brancos, trabalhadores, ou melhor, precisa de braços europeus. A imensidade de terras está aqui, pronta para recebê-los:

[...] assinalar à Europa as forças divinas da terra brasileira e declarar a todos, capitalistas, proletários, industriais, sábios e negociantes. Vós que buscais os minerais preciosos, as madeiras de construção, os vales férteis, as plantas aromáticas, os sucos nutrientes ou mistérios, as espécies e as permutas, obreiros de toda a ciência e de toda a luta, aí está a imensa floresta meridional que vos convida e vos dará todos os seus tesouros. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.79).

Tal incentivo à colonização demonstra que ao se referir a um problema brasileiro Ribeyrolles está pensando, na verdade, num dos problemas europeus da época: a alta taxa de mão-de-obra disponível da Europa no século XIX.

Em 1858, Victor Frond e Ribeyrolles vieram da Europa e tinham como objetivo documentar e descrever o solo brasileiro, bem como as relações sociais nele realizadas. Nascia assim *Brasil Pitoresco*, cuja publicação oficial é de 1859, em uma edição rápida, bilíngue (francês/português), impressa na Tipografia Nacional. É evidente que a importância do livro hoje se deve mais às imagens produzidas por Victor Frond do que pelo texto de Ribeyrolles, mas isso não tira o valor das palavras por ele impressas e aqui analisadas. O livro é composto por dois volumes. O primeiro é dividido em dois tomos. No Tomo I há uma síntese dos fatos históricos mais importantes da sociedade brasileira desde o seu descobrimento até a independência. Interessante pontuar que essas observações foram realizadas por Ribeyrolles a partir de pesquisa a fontes históricas. No Tomo II é descrita e narrada sua chegada ao Brasil e, com ela, uma série de impressões são registradas. Diferentemente do que ocorre no Tomo I, as impressões do jornalista são baseadas num conhecimento empírico, num olhar concreto acerca da sociedade brasileira que o recebia de braços abertos. Neste segundo volume há uma preocupação clara em caracterizar toda a população e seus hábitos, bem como estruturas importantes da sociedade imperial, entre elas a política e a imprensa. A análise que se segue

visa perceber as nuances, as impressões, as metáforas do discurso de Ribeyrolles a partir de seu olhar republicano, ou seja, de que maneira um jornalista com idéias exaltadas na França vem para o Brasil no início da segunda metade do século XIX e contempla uma sociedade tão adversa a sua .

Uma das características fundamentais que compõe o caráter de Charles Ribeyrolles e lhe dá uma importância política na França é justamente sua militância e seu estilo polemista. No *Brasil pitoresco*, esse radicalismo tão característico se ameniza, dando lugar a um Ribeyrolles comedido em suas análises. Cabe aqui refletir sobre essa contradição presente no livro: Ribeyrolles, jornalista francês, lutador ferrenho da liberdade e da república em solo brasileiro, assume outro tom: exilado da França no Brasil, as críticas que realiza são sutis, cuidadosas. O grande exemplo dessa contradição é o tratamento dado à figura do imperador: sempre simpático a Dom Pedro II e, como consequência, à monarquia. Outro elemento estranho ao Ribeyrolles europeu são as críticas ao regime de escravidão: os amigos radicais franceses com certeza esperariam dele uma grande revolta, no entanto, o que se tem em seu testemunho da escravidão é apenas uma sensação de incômodo ao contemplar as senzalas e até mesmo uma amenização das mesmas.

No *Brasil pitoresco*, Ribeyrolles apresenta as grandes questões do Brasil. Em alguns momentos, como afirma Affonso de Taunay no Prefácio do livro, o jornalista “acha-se muito desambientado” (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.19) uma vez que lhe faltou um contato maior com a população e a cultura por ele visitadas. Isso fica demonstrado na dificuldade que o escritor possuía em lidar com a língua portuguesa. Sem o domínio do idioma, muitas de suas impressões eram julgadas pelo que via e isso o levou a algumas apreciações quase pueris daquilo que narrou. Apesar do seu caráter revolucionário e questionador, o que se percebe é que, em solo brasileiro, o jornalista soube dosar suas críticas. Para ele talvez não fosse interessante expressar em seu livro toda sua fúria política já esboçada nos jornais franceses e ingleses, e isso pode explicar a contradição já apontada aqui. Seu temperamento abolicionista e republicano foi controlado, reduzido, talvez pelo fato de ter consciência de que o tema do *Brasil pitoresco* era o de tratar da história de um país cuja economia e cuja política repousavam no regime escravocrata.

Affonso de Taunay apresenta sua explicação para essa contradição: Ribeyrolles, até então revolucionário exaltado, estaria cansado de lutas e, bem recebido num país estrangeiro, concebe idéias românticas e idealizadas, mesmo não esquecendo sua amada Europa. Victor Frond talvez tenha sido um dos responsáveis por essa mudança de atitude, como aponta o prefácio. Segundo Taunay, o amigo francês teria recomendado **prudência** a Ribeyrolles ao descrever a escravidão aos compatriotas europeus. O jornalista cumpre, então, sua função como estrangeiro numa terra pitoresca: descrever a colonização no Brasil e as relações sociais nela

implícitas. No entanto, mesmo sutilmente, a essência do jornalista permanece: nenhum segmento passa despercebido perante seus olhos: a imprensa, a população, a igreja e até elogios são feitos aos muitos princípios inscritos na constituição de 25 de março de 1824.

O Volume I de *Brasil pitoresco* tem como objetivo reconstruir o passado histórico do Brasil. O livro é dividido em 5 partes e nelas constam os principais momentos históricos do processo de colonização: As Primeiras Velas, Os Franceses, Os Holandeses, A Conspiração das Minas, A Independência e o Governo Institucional de D. Pedro II. O livro tem início com uma espécie de Carta de agradecimento aos brasileiros. Nela, Ribeyrolles exagera na descrição adjetiva da terra e, num romantismo exacerbado, esboça citações de personalidades históricas: “Os antigos, como todos os grandes espíritos, amavam o sol. ‘Luz! Luz!’ exclamava Mirabeau ao morrer. Goethe, na hora extrema: ‘Ai de mim! Vou penetrar nas trevas’” (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p. 23).

A citação foi usada para introduzir a visão iluminada do Brasil diante do estrangeiro estupefato ao contemplar a nova terra paradisíaca que se revelava diante dele. Outra citação, agora mitológica, referindo-se a Pã, reforça essa idéia:

Também eu, proscrito errante, soldado vencido, folha dos caminhos, amo a luz, a grande luz. Os esplendores do céu não consolam a perda da pátria, porém amortecem a dor. E quando avistei, brasileiros, desenrolar-se a meus olhos o panorama de vossas costas tão exuberantes, a terra americana coberta de palmeiras, compreendi a velha religião do deus Pã: deslumbrado, encantado, saudei o sol! (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.23).

É no céu e no sol que Ribeyrolles busca consolo por estar longe da sua pátria. Através deles vem a inspiração para conseguir expressar toda a beleza desse Brasil pitoresco.

Ribeyrolles (1980, v.1, p.24) traz logo à tona uma primeira discussão: o Brasil acaba de nascer e não faz parte do velho mundo. No entanto, como pontua, já é um país independente e o conceito de independência é algo sagrado em qualquer nação. O tom libertário e republicano se revela e o tema da liberdade desponta como uma das bases de todo o livro:

Vossa história alvorece. Não pertenceis, por certo, aos velhos séculos, como a Grécia e Roma, esses dois mármore adormecidos, essas duas mesas vazias. Mas, já possuí a vossa página, a página da independência! É essa a página sagrada em todas as histórias. Zelai bem. É o melhor dos livros sibílicos. É a honra do passado. A esperança do futuro. Não desaparecem os povos que sabem se conservar livres. Nada tendes a recear do alto. Entre vós, os compromissos são respeitados.

Neste discurso inflamado, o tema da independência surge como forma de agradecer a hospitalidade brasileira na medida em que o livro irá narrar os grandes momentos de heroísmo da nação. Para Ribeyrolles (1980, v.1, p.24), um país se faz de memórias e estas são a base de qualquer tradição: “E eu não podia pagar de melhor modo a dívida contraída com a vossa hospitalidade do que fazendo recordar aos filhos os dias de heroísmo vividos por seus pais. As recordações são as sementes. A tradição é a força.”

A Europa se revela, segundo o olhar de Ribeyrolles, dilacerada e forte. Guerreira, nela atuam três grandes forças modernas: a ciência, a indústria e o trabalho. O escritor inicia aqui uma reflexão: se as potências européias atuassem no Brasil, onde esse país tão rico e próspero poderia chegar? O “que não brotaria de vosso solo tão fecundo, de vossas florestas virgens [...]” ? (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.25). Como Victor Hugo, que, mesmo tendo consciência de todas as mazelas desse novo país, soube evocar a sua tradição, Ribeyrolles também deseja assumir a mesma função ao se referir ao Brasil – fará o melhor que puder na descrição dessa terra tão paradisíaca:

Ah! Eu quisera ter a ciência de Humboldt, o gênio de Hugo para evocar todas as vossas potências, para aclamar todos os vossos tesouros. Mas, não sou mais que um pobre paisagista, que não sabe pintar as grandes telas. Contudo, dar-vos-ei o melhor da minha colheita e casarei, o melhor que puder, o grão à flor. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.26).

O Primeiro Volume do *Brasil pitoresco* é inteiramente dedicado à reconstituição histórica do Brasil. No capítulo intitulado “As Primeiras Velas” são abordados a história colonial brasileira, os selvagens que aqui habitavam, a religião, o governo, bem como as línguas e a cultura que se delineavam nesta terra em pleno século XVI. No início, há uma alusão às invenções do final do século XV e a afirmação de que a Europa, nesse período, graças às grandes navegações, fortalecia os seus povos. Interessante o questionamento que o jornalista faz ao se referir aos mistérios do mar e à descoberta de novos povos. Neste questionamento se pode entrever uma crítica ao tom fortemente mercantilista que envolvia a empreitada rumo aos novos mundos, crítica essa que jamais passaria despercebida aos olhos do inflamado escritor:

De Cádiz a Lisboa, de Lisboa a Londres, através de todos esses oceanos de tormentos, havia meio século alguns homens contemplavam o mar, sonhando. Qual o segredo daquele abismo sem fundo, daquele deserto de água? Haverá terra naqueles pousos longínquos onde o sol agoniza? Haverá lá, como na Índia, ouro e diamantes, especiarias e perfumes? A Índia irá até lá, por ventura? (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.30).

Importante ressaltar que Ribeyrolles tem uma visão **pueril** acerca do descobrimento do Brasil, a mesma que durante vários séculos permeou a historiografia brasileira: o Brasil tinha sido descoberto por acaso, graças a uma tempestade. O escritor se refere aos descobridores, independentemente dos fatores ideológicos que os impulsionavam, como verdadeiros heróis do descobrimento, verdadeiros poetas dos oceanos e mares:

Esses heróis do descobrimento, ousados capitães da tempestade e do desconhecido, os Dias, os Pinzons, os Gamas, os Cabrais, a história os trata como poetas. Não têm mármore nos túmulos, esses exploradores do Oceano, esses descobridores de mundo novos. A poesia, o teatro, as artes disputarão os louros da sua glória feroz. A bússola se rende aos lampejos do gládio. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.31).

Após essa referência aos desbravadores, a origem do povo brasileiro é abordada e o jornalista faz um comentário generalista sobre tal tema. Para ele, o povo brasileiro é filiação humana, refutando a idéia de uma raça inferior, veiculada na época do descobrimento. O que existe de fato são brasileiros e, nesse ponto, todos o são:

Brasileiros, não sois nem botocudos, nem puris, nem portugueses. Sois de filiação humana, tendes avós como nós todos. Homens e povos, não há mais sobre a terra nem velhos, nem moços, nem grandes, nem pequenos. Só há trabalhadores. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.34).

A alusão à raça brasileira feita aqui é diferente daquela que ele fará mais adiante ao analisar se a formação das etnias no Brasil é útil para a exploração da terra. Essa afirmação de que todos os brasileiros são **trabalhadores** serve de pretexto para exaltar a independência do Brasil e conclamar os brasileiros a não depender do estrangeiro, mas construir eles mesmos o país em que vivem, afinal, somente o trabalho digno é capaz de produzir uma nação forte:

Hoje estais livres. Sois maiores e quase soberanos. Sede-o, pois, de vós mesmos. Penetrai com energia no grande caudal das idéias que são as revelações, e das associações, que são as forças. Não vos contenteis de encomendar modistas a Paris, engenheiros a New-York, negociantes a Londres. Metei mãos à obra. Em todas as coisas e para todas as coisas. É o trabalho que produz os povos. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.36).

Com relação à religião do início do descobrimento, percebe-se preconceito e desprezo. Na época da descoberta, havia muitas discussões envolvendo o dogma indígena. Para ele, no entanto, todas **pecavam** ao apresentar uma ausência de moral. Há o questionamento, por exemplo, acerca dos valores religiosos pregados num ritual de canibalismo:

Seria ocioso, creio, enumerar as mil variantes desse dogma indígena. Elas podem se incluir nas narrativas maravilhosas dos primeiros tempos, e como a ciência nada tem a colher delas, deixamo-las aos artistas que fantasiam os Olimpos. Ademais, uma palavra basta para definir essa religião. Que dizia a sua moral? Que era mister devorar o inimigo vencido. Os antigos Tapuias comiam os próprios pais. Banquete filial! Destino patético! (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.37).

Para Ribeyrolles (1980, v.1, p.42), a história é uma das principais testemunhas dos atos da colonização e só ela é capaz de revelar a verdade: os índios receberam bem a Cabral e sua frota. O que sobraram deles? Nada, são uma nação morta que não resistiu ao processo de colonização:

Desde que Pedro Álvares Cabral pisou na terra de Porto Seguro teve dos índios o melhor agasalho [...]. Nem um insulto, nem a afronta de uma flecha ao seu pavilhão [...] Ora, que indígenas povoavam essas costas cobertas de palmares? Os Tupis e os Aimorés. E onde estão os primeiros, com as suas dezesseis tribos que constituíam uma nação? Os tupis, esses grandes viajantes do Brasil, têm quase totalmente desaparecido. Daqui e ali, em algumas aldeias, em algumas povoações, ainda se encontram restos dispersos que não são nem selvagens nem civilizados. É uma nação morta.

Outro aspecto para se observar nas descrições de Ribeyrolles é seu posicionamento a respeito de uma questão crucial para a nação brasileira: a escravidão, tanto dos índios quanto dos negros. A contradição, que já pontuamos, surge. Mesmo não apresentando um discurso inflamado a favor da liberdade no Brasil, como era de se esperar de um homem com o seu passado histórico, suas palavras são completamente alienadas. O que há em suas impressões sobre a escravidão é sempre um comentário sutil, irônico, mas que deixa evidente o olhar questionador da essência do escritor.

Sobre a escravidão dos índios, Ribeyrolles faz referência aos vários decretos surgidos antes do ano de 1755 (ano em que estes passaram a ter os mesmos direitos que os portugueses). O que chama atenção é que os decretos anteriores a essa data proibiam o tráfico e a exploração indígena, no entanto, nunca foram cumpridos. No momento em que escreve sobre essa irregularidade, pode-se perceber o caráter libertador do jornalista, o tom quase inflamado, quase a explodir em críticas nervosas aos exploradores e ao governador metropolitano:

Em 1647, 1680, 1713 e 1714, o governador da metrópole decreta continuamente, promulga, ameaça e sanciona, ao passo que a mercadoria indígena estabelece seus mercados em São Paulo, no Amazonas e no Maranhão. O tráfico só cessa em 1755, quando os indígenas são declarados livres, com os mesmos títulos, privilégios do cidadão português. Que provam todos esses

decretos, todas essas cartas desdenhadas por tanto tempo? O governador metropolitano era fraco para por em execução os impostos e fazer respeitar os monopólios? Não, de certo. E se ele houvesse posto em prática, com relação aos indígenas do Brasil, a energia e a áspera atividade que empregava no caso das taxações, não teria necessidade de encher tanto papel, no decurso de dois séculos. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.45).

Ao criticar o governador da metrópole, pode-se afirmar que há também uma crítica direta aos portugueses no trato das duas populações que estão sob a sua responsabilidade: os nativos de Portugal e os indígenas. Ribeyrolles (1980, v.1, p.45) afirma que a nação portuguesa apresenta-lhes descaso:

Eis aí o que fez Portugal das suas duas populações. Uma que mandava para longe, outra que o céu acabava de lhe dar. Deixou-as exterminar-se, como se o capital humano não constituísse a grande riqueza, a força sagrada e suprema que rege os países novos.

O jornalista afirma que a preocupação do Rei e seus governantes era exclusivamente com os valores materiais: “Portugal só cuidava dos carregamentos de pau-brasil, do açúcar, dos papagaios, e mais tarde, do ouro e dos diamantes.” (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.46).

O que questiona Ribeyrolles é qual o resultado dessa política avara e ambiciosa: apenas um Brasil do século XIX que tenta reunir os destroços das famílias indígenas, as quais, segundo ele, foram quase extintas. O que resta está empobrecido: “povos perdidos, povos mortos” (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.46). O tom crítico dá lugar ao idealismo. Ribeyrolles afirma que se no lugar de guerras tivesse ocorrido reunião de forças e raças numa só comunhão familiar, e se a colonização tivesse seguido os moldes americanos em que os deserdados europeus tivessem sido convidados a habitar no Brasil, ao invés de serem encerrados num celeiro gigantesco, a nação brasileira seria uma grande potência. Para o autor a política que se tem aqui, é, na verdade, feudal e católica, e responsável pela ruína do Brasil. A análise do período colonial termina com uma glorificação dos índios ao afirmar que estão finalmente vingados, uma vez que a religião católica está em decadência e que Portugal e Espanha perderam tudo.

Ao mesmo tempo em que tem consciência dessa multiplicidade de raças que cada vez mais se avoluma, Ribeyrolles afirma, entretanto, que a sociedade brasileira não apresenta braços “dispostos a trabalhar”. Tampouco os brasileiros que aqui estão e que aqui se constituem como nação podem ser considerados legitimamente brasileiros, uma vez que não valorizam sua pátria.

O Brasil sofria enormemente, como um escravo, nas mãos dos portugueses. Eis o tom exclamatório de Ribeyrolles (1980, v.1, p.70) ao lançar a questão: “[...] debaixo da opressão brutal da metrópole, que faria o Brasil, afinal, a colônia

sofria em silêncio, imponente como o escravo.” A solução poderia vir da Europa e da própria América do Norte, afirma Ribeyrolles (1980, v.1, p.70): “[...] lá, em outras terras, exclamavam – ‘consciência livre, idéia livre, direitos do homem e do cidadão’.” Há uma referência ao Iluminismo e cabe sublinhar o tom libertário do autor por meio de seu discurso inflamado e apaixonado:

[...] liberdade das colônias, independência das nações, soberania dos povos. Palavras novas no mundo novo, estalaram sobre os governos, as Sorbonnes e os templos. Anos após, fulgiam como estrelas sobre a terra e os mares. Foi uma grande era na crise humana. Todos os espíritos se elevavam. Todos os corações se abriam. Sentia-se uma gestação nova. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.70).

Esse ideal vai penetrar no âmago do Brasil, impulsionado pela boa nova da independência e constituição dos Estados Unidos. O sentimento nascente será o de revolta. Revolta justificada, daí a explosão da Inconfidência mineira, fato que o jornalista francês descreve em detalhes, dando ao texto um tom que chega a ser cansativo. À descrição, surge a narrativa poética do desenlace de cada um dos revolucionários. Importante a referência aos heróis mais conhecidos desse período. Ao citar Gonzaga, a metáfora utilizada por Ribeyrolles define perfeitamente o destino do famoso pastor de Marília: “Estava louco, suas liras mudaram-se em serpentes”. Quanto a Tiradentes: “o mártir soube morrer. A multidão emocionada não viu passar um queixume, um temor, é que ele se sacrificava por uma idéia.” (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.122).

Na trajetória da independência do Brasil, Ribeyrolles (1980, v.1, p.125) narra o processo que envolveu o famoso ato histórico. Nele, há críticas veladas ao reino português e à situação do Brasil em geral:

Essas coalisões formidáveis do velho mundo contra um povo único, essas batalhas monstruosas, essas convulsões trágicas tiveram eco e influência na América do Sul? Quase nada. O Brasil vem debaixo da tutela portuguesa, estava, mais que nunca, vigiado e bloqueado. Seus mares emudeceram. A nau mercante procedente da Inglaterra só trazia boletins de Londres.

Para Ribeyrolles (1980, v.1, p.128), o fato de Portugal e Espanha terem sido invadidos se constituíram um verdadeiro crime. Na afirmação abaixo, percebe-se o valor sagrado que é dado à pátria e a importância que ela assume no pensamento do jornalista:

A invasão de Portugal, como a de Espanha, foi um crime. E esses excessos da força encaminharam, legitimaram as represálias que mais tarde devastaram Paris. A violência contra as pátrias é inadmissível. Elas são sagradas.

Ribeyrolles (1980, v.1, p.128) assim discorre sobre o significado da chegada de Dom João VI ao Brasil, criticando a pompa com a qual o rei português foi recebido:

O porto e a cidade obraram maravilhas. E por que todas essas considerações, essas magnificências, essas orgias de flores? Trazia a sua nau a ciência, como as três caravelas de Colombo, ou a vitória, como as de Albuquerque? Não, de certo. Não havia nela nem ciência, nem glória, nem liberdade. Era o comboio da fuga, para o exílio, tristemente abrigado por uma esquadra estrangeira. Era o velho privilegio real, caduco e obstinado, que vinha repousar em suas glebas.

É evidente a crítica à exploração européia e o que ela significou. A vinda para o Brasil nada mais foi do que uma mera fuga do imperador, fato já demonstrado pela historiografia brasileira e que Ribeyrolles apontou como algo vergonhoso para a coroa portuguesa. Esse ato é ressaltado ainda mais na afirmação de que, caso a Europa não tivesse sido invadida por Napoleão, a vinda para cá não teria existido. O Reinado dos portugueses continuaria em Lisboa e a exploração da colônia teria continuado via “oceano”:

Se a França, em crise de revoluções, não tivesse agitado a Europa com as espadas e as idéias, se, mais tarde, em crise de glória insana, não tivesse sacudido, como a areia, os reis e as dinastias, o regente de Portugal teria feito as suas malas e levado os seus brocados para além dos mares? Não. Em três séculos nenhum príncipe de Lisboa tinha vindo visitar a grande e rica herdada da América do Sul. Enviavam coletores e juizes, administradores e vice-reis, porém não se dignavam arriscar-se às tempestades. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.130).

D. João VI é descrito por Ribeyrolles no livro como um rei antigo, uma verdadeira “encarnação débil e obstinada do direito divino” (RIBEYROLLES, 1980, p.132). Tratamento mais nobre, todavia, é dado à figura de D. Pedro I, relatado por ele de maneira heróica. Herói nato, Dom Pedro sabia ouvir e fazer as vontades do povo:

Mas o príncipe-regente não era um duque de Angoulême, cego e surdo, fanático e teimoso em seu direito divino até à estultice e ao exílio. Sabia ouvir as vozes da opinião, o clamor das ruas, o sopro das multidões, e apenas viu a capital do país entrar em luta aberta, sacrificou o conde de Arcos, aceitou a Assembléia provisória, sancionou as atribuições prescritas por ela em nome do povo, abriu as prisões que se encheram com o golpe do estado de abril, e galanteou a junta com verdadeira graça brasileira. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.136-137).

Essa imagem heróica, no entanto, também é questionada quando o francês se refere ao fato de D. Pedro I ter entregado o trono a seu filho, Pedro II. Para Ribeyrolles, essa atitude foi responsável pela ruína do herói da independência:

Era uma excelente escolha para o filho, para o pai e para a nação. Mas, D. Pedro não refletira, sete anos antes, que o Brasil era muito jovem e que era crime contra a pátria lançar ao exílio seus tutores naturais, homem como esse Andrada, ao mesmo tempo grande espírito e grande coração, cidadão honrado, sábio de escola e poeta ilustre? Há proscricções que arruinam. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.141).

Quando se refere a então partida de D. Pedro I e sua volta a Portugal, a ironia de Ribeyrolles incita o leitor a uma reflexão: “Tal foi a sua despedida ao partir sob a bandeira britânica. Sempre a vela da Inglaterra para o comboio dos reis.” (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.42).

A ironia revela o quão importante Ribeyrolles considerava a idéia de “independência” e os atos revolucionários envolvidos nesse processo. Tal valor estará presente em todos os textos do jornalista francês e, como já exposto, revela caráter radical e exaltado:

Não é que a geração revolucionária agora desfalecida, a resvalar num túmulo, tenha outrora condenado esse golpe de ostracismo. Os temores, as inquietações sombrias não eram sem motivos; e a independência de um país, a liberdade de um povo não são coisas que se devam abandonar à mercê das ambições, ao acaso dos acontecimentos. Mas livres os filhos, os herdeiros tranqüilos de uma revolução, devem exterminar as proscricções de guerra, suspender os julgamentos de batalha e dá um busto a cada praça, recompensar cada soldado segundo os seus feitos. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.142).

Mesmo ironizando, há um reconhecimento da figura do Imperador D. Pedro I pelo ato nobre de independência:

Ora, o Brasil, liberto e emancipado, poderá esquecer, após trinta anos de paz absoluta, que D. Pedro de Bragança, em meio as perturbações e as tentativas, foi o primeiro a cortar as amarras de Portugal, soltando o grito de insurreição e dando-lhe a sua bandeira? Poderia o Brasil esquecer que esse homem, soldado intrépido, príncipe violento, tinha, todavia gravado seu nome no mármore das tribunas livres e morreu, deixando em seu passado duas constituições? (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.142).

A ciência da importância desse grande homem surge aliada a um pessimismo para com o valor que as “constituições” assumem dentro da sociedade. O que há é uma sensação de decadência, mas que, apesar de estarem em meio a ruínas, ainda servem de abrigo aos homens:

Hoje, bem sei, as constituições decaíram. Os espíritos fatigados e os interesses subjugados adormecem na servidão, como na tenda. As almas temem ou desdenham o pensamento, e a época pertence à idolatria da força (guerra).

Contudo, aqueles que conservam o orgulho das crenças e os respeitos sagrados ficarão satisfeitos de encontrar, aqui e ali, essas constituições, no meio das ruínas. São os marcos da estrada. Servem de abrigo e de refúgio. Seria uma vergonha para o escritor, qualquer que fosse o sonho de liberdade, por mais largos que sejam os horizontes, não saudar, de passagem, os nomes que vai lendo nos pedestais. Não desprezamos, nos que esperamos. Pequenos blocos fazem as pirâmides. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.142).

No momento em que se refere ao governo exercido por D. Pedro II, faz uma crítica ao seu próprio livro afirmando que o Brasil Pitoresco não é apenas um estudo de costumes nem um livro sobre ciência política. A função dele é a de “registrar e pesquisar” os fatos:

Não é este um livro de monografias palacianas. O autor nada tem do que é preciso para falar das cortes. Não tocará, pois, nas librés, nas etiquetas, nas cerimônias, nas festas. Não pesará tão pouco os diamantes da coroa, nem contará os pregos das suntuosas poltronas [...]. Não é este um livro de ciência política ou social, uma teoria dogmática dos princípios, instituições ou governos. O escritor não tem que discutir, nem catequizar, e sim pesquisar, ver. Toma os fatos como eles são. Aparta o direito absoluto. Faz calar suas vozes, como dizia Joana d’Arc, e só demanda à propriedade a regra dos seus julgamentos. Dito isto, entremos no estudo. Eis aqui um imperador. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.143).

Com relação à atuação de Dom Pedro II, Ribeyrolles a concebe como um período de paz que reina no império brasileiro. Para ele, o imperador colocou a majestade não nos seus privilégios, na sua pessoa, mas sim no seu caráter, em suas ações. O jornalista tem consciência de que seu discurso não transforma o Brasil num idílio, uma vez que não é esse seu intuito. Sua função é apenas ser testemunha daquilo que vê perpassar perante seus olhos.

No final do Tomo I, Charles Ribeyrolles traça várias considerações acerca do Brasil, as dificuldades de estudar sua história, as suas origens obscuras, suas influências. Ribeyrolles questiona: o que era o Brasil antes da colonização? Desse questionamento surgem algumas conclusões: a de que no Brasil há uma carência de braços para o trabalho; falta ciência e tecnologia para investir na agricultura, na indústria e no comércio. Segundo ele, a culpa desse descaso é justamente dos dominadores. A religião, o idioma falado e as formas de governo também são questionados e, junto com essas reflexões, a afirmação de que seu olhar e seu discurso – de jornalista – em relação à terra brasileira serão sempre “sinceros” e “legítimos”:

Que fará agora esta pátria de ontem, dessa independência e das instituições adquiridas? Querera ela engrandecer-se mais, ou deixar-se morrer entre o

leque e a flor? Ela conhece, pelo que padeceu, o peso dos maus governos. Saberá ela também o que custam os vícios na instituição social? Nos lho diremos com franqueza e segurança. Mas sem nunca esquecer o dever do estrangeiro para com a terra que o hospeda. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.156).

No Tomo II prevalece uma reflexão que permeará todo o restante do livro, o papel que Ribeyrolles enquanto escritor vai desempenhar no Brasil:

Que ia eu fazer a esses países do sul que só, ou quase só visitam os apetites mercantis? Não levava comigo o mais ligeiro fardo, nem rendas, nem confeitos, nem veludos. Eu não era engenheiro, nem cônsul, mecânico ou cozinheiro, e ousava aventurar-me, com algumas idéias e alguns livros, a um dos maiores mercados do novo mundo. (RIBEYROLLES, 1980, v.2, p.157).

Sua função é, portanto, a de escrever e descrever. O texto do *Brasil pitoresco* é construído com poeticidade. Bom exemplo disso é a descrição do mar, companheiro fiel de sua viagem ao Brasil:

Também o mar me entristecia. Tu o amas e o tens cantado em versos imortais. Tens dito das suas iras, dos seus devaneios, das suas sonolências, e pelas tuas estrofes, vemos passar os grandes sopros da noite, os seus naufrágios, todas as suas vozes.

Mas o mar sem praias, sem ilhas, sem portos nem barcos de pescadores, nem gaivotas brancas, o oceano monótono é o grande deserto e o grande silêncio. O olhar busca ao longe a costa, o navio, uma ave que esvoaça, uma alga que flutua, um fio de erva que o vento arrasta, e não vê mais que água, e se quebranta e adormece.

A vaga é pesada e obtusa. Nada diz. E o horizonte imenso não é mais do que um cárcere infinito que caminha. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.158).

A partir dessa referência poética ao mar, há uma regressão na narrativa e o jornalista passa a descrever em detalhes de sua viagem de barco para o Brasil. Tudo é descrito: os ritos, os escravos, os hábitos e as expectativas dos que vinham à nova terra. A descrição da chegada ao solo brasileiro ocorre repleta de impressões e comparações juntamente à conclusão da incerteza sobre o futuro nessa terra:

Há trinta anos, tenho visto e atravessado muitas lutas. Conheci os pesquisadores de idéias e os sapadores da sombra, os socialistas e os revolucionários. Aprendi muito e amei muito em campos opostos. E a mais grata lembrança que me ficou foi a de um debate científico entre Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire. Que resultará daí? Ignoro. Não posso acompanhar o estudo a microscópio, na observação, no cálculo. E é isso que me atormenta ao penetrar nesse mundo ignoto, Éden dos germes e das luzes. (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.174).

Em terra, há uma descrição minuciosa dos vários aspectos da sociedade brasileira, especialmente da cidade do Rio de Janeiro: as ruas, os esgotos, os hábitos, as praças públicas, os mercados, todos os aspectos da cidade em geral. No que tange à população carioca, pode-se perceber uma crítica indireta à sociedade. Inicialmente, de maneira parcial, o autor expõe o dia a dia dos escravos e sua relação com os senhores. Em meio a isso, surge a crítica, uma vez que Ribeyrolles contrapõe os atos dos proprietários e sua exploração dos negros à hipocrisia cristã:

Há no Rio proprietários que mantêm no ganho até trezentos escravos, e cada noite aferrolham tranquilamente um rendimento de lista civil. Por que não? Compraram a ferramenta, o instrumento. Carne, suor e sangue, tudo lhes pertence. No entanto, são católicos, membros de várias irmandades, acompanham as procissões, tocha na mão, visitam as igrejas e fazem a sua páscoa. Santos homens! (RIBEYROLLES, 1980, v.1, p.204).

No volume II há várias discussões acerca da economia brasileira que puderam ser feitas por meio das análises de pequenas cidades do estado do Rio de Janeiro, como Vassouras, Campos e Valença. Para Ribeyrolles, o verdadeiro estabelecimento colonial do Brasil é a fazenda de café. É aí que se concentram as atividades, as ambições, os capitais e que se encontram as melhores terras. No entanto, um dos aspectos mais importantes desse volume é a descrição e comparação das senzalas com os *quartiers* miseráveis de Paris. Sobre a moradia dos escravos, o autor afirma:

Essas casas, construídas de barro, sem janelas e cobertas de palha, chamam-se senzalas na linguagem da região, e cada negro tem a sua. De ordinário, mal asseadas, infectas, desprovidas de mobiliário. Entretanto, não chegam à miséria dos *bas-fonds de Lille* ou de certos quarteirões de Paris e Londres. (RIBEYROLLES, 1980, v.2, p.44).

As construções de Paris são piores; todavia, nelas se pode observar algo que não existe nas senzalas brasileiras: a idéia de certa fertilidade, ou melhor, apesar de todas as dificuldades que são descritas por ele no que tange às construções européias, nelas há vida, há um sentido. Nos miseráveis *quartiers* europeus, o trabalho, a liberdade, o amor pela família estão juntos a fim de superar todos os obstáculos causados pela sociedade:

O meirinho não teria o que fazer nessas choupanas, e nelas não se vê a mãe debruçada sobre o leito do filho a fim de disputá-lo ao seu senhor. Como divergem, sob outros aspectos, esses recantos de pobreza! Lá, o operário, quando o trabalho faculta, tem suas alegrias de família. Há flores na janela da mansarda, a comida fumeja sobre a mesa, as crianças brincam satisfeitas. Livre e forte, o homem sente-se viver. Nos dias de privação, em torno dele tudo é triste, e terríveis angustias o sufocam; porem jamais se venderia a esposa, a mãe, um filho. Seu único senhor

é o dever. Seu inimigo a fome. Se as responsabilidades o esmagam, a liberdade alenta-o, os brios d'alma o fortalecem. (RIBEYROLLES, 1980, v.2, p.46).

A senzala é assim um lugar estéril. O escravo recebe do senhor comida e sua casa não depende do seu trabalho diretamente para sobreviver, como nas habitações da Europa. A fome, segundo Ribeyrolles, “não penetra na senzala”. Interessante refletir sobre essa amenização da senzala, fato já mencionado. Ribeyrolles não se mostra aqui o velho francês de outrora, preocupado e defensor inflamado da liberdade. No reduto escravo não há famílias, o que existe são animais, “ninhadas”. Isso faz com que o sentimento para com a vida e a família sejam estéreis. Os trabalhos realizados pelos escravos não têm o merecimento do salário, da honra, o labor escravo representa apenas o suor, o sofrimento. Que sentido os escravizados teriam em se preocupar com os filhos na senzala se logo todos seriam vendidos:

Interesse nenhum o liga à terra, nem proveitos lhe advêm da colheita. [...] É a escravidão. Por que se desvelaria a mãe em manter limpos os filhos e a morada? Os filhos lhe podem ser arrebatados, de uma hora para outra, como pintos ou cabritos da fazenda, e ele mesmo não passa de um simples objeto. (RIBEYROLLES, 1980, v.2, p.47).

A moral cristã que é pregada aos escravos também é questionada:

Que pregam aos escravos esses pastores d'almas? A obediência absoluta, a humildade, o trabalho, a resignação. Alguns vão a ponto de dizer que os negros são filhos do Cam – filhos do maldito – e que para a sua raça condenada não há reabilitação possível. Dupla excomunhão: a de Adão e a do filho de Noé, a da alma e a da pele. (RIBEYROLLES, 1980, v.2, p.48).

O mesmo se estende às funções dos padres católicos no Brasil: “Os padres católicos no Brasil não evangelizam: preenchem funções. Casam e batizam escravos. Não instruem, nem protegem. Servem os senhores que os remuneram.” (RIBEYROLLES, 1980, v.2, p.48).

Apesar da fama obtida pelo livro se dever, sobretudo, às imagens de Victor Frond, o texto de Ribeyrolles é importante, pois funciona como testemunho histórico de um Brasil que desde o seu descobrimento se consolidava como nação. Por meio da análise do livro, percebe-se claramente que apesar do tom sutil e controlado da crítica que surge na descrição de momentos cruciais da história do Brasil, como a escravidão, a essência do jornalista é a mesma expressa no período em que era militante republicano. O tom exaltado e apaixonado de outrora não é o mesmo, pois ele já não é o mesmo. No entanto, a consciência daquilo que é certo permanece. Isso talvez explique a “suposta” influência exercida sobre um dos principais escritores

da literatura brasileira, o jovem Machado de Assis, relação essa sugerida por Jean Michel Massa no livro *A Juventude de Machado de Assis*.

SOUZA, E. R. de O. The picturesque Brazil of Charles Ribeyrolles. **Itinerários**, Araraquara, n.31, p.205-221, July/Dec. 2010.

■ **ABSTRACT:** *The article intends to analyse the view of the journalist Charles Ribeyrolles about Brazil when he came from exile in France in 1858. Fanatical French, Ribeyrolles had an important role on the barricades of 1848 acting as an eloquent chief editor for the journal La Réforme and as a radical defender of freedom. Invited by the also French and friend Victor Frond, Ribeyrolles lands in Brazil after an almost miserable season in England in order to write a book about the impressions he had on the tropical land. It arises then an important history document from 19th century, “Brasil Pitoresco”, with images by Frond and text by Ribeyrolles. The article here presented intends to analyze how the “foreign” speech of Ribeyrolles is designed and how the “revolutionary” character of the journalist expresses himself when he faces Brazilian slavery system.*

■ **KEYWORDS:** *Charles Ribeyrolles. Foreign. Brazil. Image.*

Referências

RIBEYROLLES, C. **Brasil pitoresco**: história, descrição, viagens, colonização, instituições. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. 2v.

Recebido em 07/01/2010

Aceito em 25/06/2010



